

# Conotação semântica do T. A. T.

## Estudo preliminar

MARIA HELENA RAMOS  
MARIA ZITA VARANDAS  
FILIPE REIS •

### 1. INTRODUÇÃO

De aplicação quotidiana na prática clínica dos psicólogos, os testes projectivos são utilizados com várias finalidades, das quais sobressai o diagnóstico psicológico.

Bem alicerçados teoricamente, os testes projectivos não encontram na investigação experimental a contrapartida que valide as inferências que deles tiram os seus utentes. Se alguns psicólogos, conscientes desta realidade, os utilizam com reservas, outros mistificam o seu valor e transformam-nos em verdadeiras «bolas de cristal».

Redundantes na informação, e de aplicações circunscritas, a grande maioria dos testes projectivos encontra-se ainda insuficientemente estudada.

Se bem que as hipóteses que os fundamentam sejam coerentes do ponto de vista teórico, não podemos todavia aceitá-los sem uma atitude crítica, e antes de as suas possibilidades reais estarem razoavelmente definidas.

Sabemos que tanto a projecção como a percepção são alguns dos principais processos psicológicos subjacentes às respostas dadas aos testes. Do estudo destes processos dependerá o

avanço no conhecimento dos próprios testes. Há já alguns anos, Eysenck (1968) referiu-se aos testes projectivos como sendo instrumentos cujo valor, no estado actual dos conhecimentos psicológicos, seria unicamente experimental, uma vez que a compreensão de tudo aquilo que se passa na execução de um teste projectivo, como o Rorschach ou o T.A.T., é tão complexo que nela intervêm algumas das principais funções psicológicas das quais ainda hoje conhecemos muito pouco.

Foi seguindo a orientação de *investigar para conhecer* que procurámos aqui contribuir para um melhor conhecimento do *Thematic Apperception Test*. Assim, tivemos por objectivo o estudo da conotação semântica de algumas pranchas do T.A.T. através do *Diferenciador Semântico* de Osgood (1957). Em síntese, poderíamos dizer que se trata de estudar o valor estrutural das pranchas e a sua importância na indução das histórias. Objectivos estes que se poderão traduzir pelas seguintes interrogações:

- a) Haverá diferença de conotação entre as respostas dadas por sujeitos pertencentes a vários grupos de diagnóstico psicopatológico?
- b) Qual o tipo de correlação existente entre a conotação da prancha e a conotação do discurso?

---

\* M.H.R. e M.Z.V. são alunas do 5.º ano do Instituto Superior de Psicologia Aplicada; F.R. é Psicólogo e Professor no I. S. P. A.

Segundo as escolas psicanalíticas, projecção é um processo inconsciente pelo qual um indivíduo atribui certos pensamentos, atitudes, emoções ou características a outras pessoas ou a objectos do ambiente que o rodeia (Lapianche e Pontalis, 1970).

Neste contexto, um teste projectivo é uma prova que apresenta ao sujeito uma situação estímulo, dando-lhe oportunidade de lhe atribuir as próprias necessidades íntimas e as percepções e interpretações particulares.

As diversas formas do método projectivo destinam-se a provocar respostas que revelarão a «estrutura da personalidade», os «sentimentos», «valores», «motivos», modos de ajustamento e complexos.

Os testes projectivos, segundo os seus defensores, são mais ou menos *inestrutturados*. O termo *inestrutturado* significa que os elementos ou atributos da situação não formam um modelo uniforme e claramente definido para quantos deparam com ele. O termo é sinónimo de ambíguo, no sentido de que a situação estímulo pode originar uma diversidade de respostas.

As técnicas projectivas mais largamente utilizadas são, segundo a mesma perspectiva teórica que lhes é subjacente, testes de percepção e de significação, ambas dependentes dos processos mentais do indivíduo. A percepção normal define-se como consciência de objectos, condições e relações, enquanto estruturas mentais unificadas, articuladas. A percepção é também definida como um complexo mental que tem como núcleo experiências sensoriais. As perturbações da percepção revelam-se pela falta de integração, pela distorção e pela estranheza. Daqui é fácil concluir que quanto menos nítida for a situação, maiores as diferenças individuais na percepção. Concluem então, deste facto provado, os psicólogos de orientação analítica, que os testes projectivos proporcionam uma oportunidade relativamente ilimitada para a expressão das diferenças individuais da percepção. Assim, e dentro do mesmo campo teórico, crê-se que através da maneira como encara e responde ao estímulo, o indivíduo revela alguns aspectos da personalidade.

O T.A.T. utilizado actualmente é composto de 30 gravuras e um cartão em branco, a partir dos quais se formam quatro grupos de 20 pranchas cada e que se destinam a homens, mulheres, adolescentes e crianças (Morgan e Murray, 1935; cf. Anzieu, 1965).

Osgood (1957) propôs um método de análise quantitativa da significação de conceitos, conhecido por Diferenciador Semântico. No seu princípio, consiste em associar um conceito a pares de adjectivos opostos. Estes pares devem corresponder às dimensões gerais das significações que Osgood evidenciou por análise factorial, e chamadas *valoração*, *actividade* e *poder*. A cada uma correspondem pares de adjectivos particularmente representativos. No nosso caso, a análise não se refere a um conceito, mas às 10 pranchas do T.A.T. escolhidas. Este método não é um teste mas um meio pelo qual se procuram as significações.

## 2. METODOLOGIA

### a) Caracterização da amostra

*A nossa amostra é constituída por uma população de 30 indivíduos, divididos em três grupos de 10 cada: grupo dos considerados normais, grupo dos diagnosticados como neuróticos e grupo dos diagnosticados como psicóticos. Os sujeitos neuróticos e psicóticos encontravam-se internados num hospital psiquiátrico — Casa de Saúde do Telhal.*

*A nossa escolha recaiu sobre estes grupos diferenciados na medida em que pretendíamos saber se a diferença de quadro clínico produzia ou não modificações nas respostas. A diferença mais flagrante entre os dois grupos assenta no princípio de que os neuróticos não apresentam perturbações tão profundas, não se verificando delírios nem corte com o real, sendo estas duas condições relevantes para os casos de psicose.*

*A idade média dos indivíduos testados é de 30 anos, variando entre 20 e 43 anos.*

### b) Procedimentos

*Primeiramente, seleccionámos das 30 pranchas do T.A.T. as que, pela prática clínica, se revelam mais significativas pelo maior número de respostas que suscitam. As pranchas utilizadas foram: 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 13 e 18.*

Em seguida, elaborámos um Diferenciador Semântico com base no D.S. construído por Osgood (1957) e exposto in Fraisse (1968), a saber:

Positivo	Negativo
Fraco	Forte
Activo	Passivo
Duro	Brando
Optimista	Pessimista
Pesado	Leve
Calmo	Excitável
Mau	Bom
Quente	Frio

O Diferenciador Semântico está dividido em escalas de 7 pontos, às quais demos a seguinte cotação:

Muito Positivo	7
Bastante Positivo	6
Pouco Positivo	5
Neutro	4
Pouco Negativo	3
Bastante Negativo	2
Muito Negativo	1

O mesmo sucedendo para os restantes pares de adjetivos, dos quais metade são considerados positivos, e os outros negativos:

POSITIVO	NEGATIVO
Positivo	Negativo
Activo	Passivo
Optimista	Pessimista
Calmo	Excitável
Quente	Frio
Forte	Fraco
Brando	Duro
Leve	Pesado
Bom	Mau

Numa segunda fase, passámos à apresentação das pranchas aos sujeitos, uma de cada vez, pedindo-lhes que para cada prancha preenchessem o Diferenciador Semântico, para o que lhes demos a seguinte instrução: «A partir do que vê nessa prancha, preencha este diferenciador pondo uma cruz num dos espaços para cada par de palavras opostas, consoante as considere muito, bastante, pouco ou nada relacionadas com o que vê. Tente fazer de cada vez um julgamento directo sem se preocupar com as outras respostas que já tenha dado anteriormente.»

Após isto, e depois de preenchidos os dez diferenciadores, passámos às entrevistas, dizendo-lhes que se tratava de um teste de imaginação e que não existiam respostas certas ou erradas e dando-lhes a seguinte instrução: «Este cartão representa uma cena. Diga-nos o que levou a esta cena, isto é, o que se passou antes, o que se está a passar, quais são os sentimentos dos personagens do quadro e qual será o resultado, ou seja, o desfecho da história.»

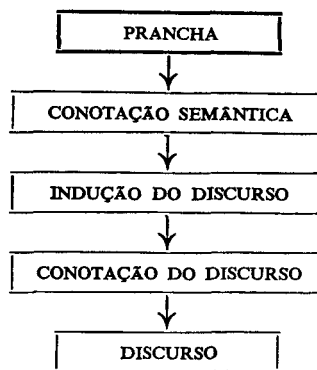
As entrevistas foram gravadas, no intuito de que não houvesse qualquer perda de informação ou quebra de sequência no decorrer das mesmas. É de notar que não houve qualquer espécie de objecção, por parte dos entrevistados, ao uso do gravador, à excepção de um caso que, no entanto, acabou por cooperar e cuja entrevista decorreu depois normalmente, como se ele se tivesse esquecido de que o gravador se encontrava ali.

Seguidamente, transcrevemos as entrevistas e submetemos as mesmas à apreciação de quatro pessoas escolhidas ao acaso, cuja única condição era não terem feito parte de nenhum dos grupos submetidos ao teste, e a quem demos a seguinte instrução: «Deste texto, aponte as frases que exprimem conteúdo negativo e as que exprimem conteúdo positivo.»

A partir desta classificação, fizemos a contagem das frases conotadas de positivas e negativas, de cada indivíduo para cada prancha, sendo considerada de conotação positiva ou negativa uma história que apresentasse maior número de frases positivas ou negativas, respectivamente.

No que se refere ao D.S., foi feita também a contagem dos mesmos a partir da cotação já referida.

Esquemáticamente, podemos representar da seguinte maneira o processo experimental utilizado



Segundo o esquema considerado, podemos inferir que se a conotação da prancha induz a conotação do discurso, e não se verificar diferença significativa entre os discursos dos vários sujeitos, o valor de diagnóstico do teste será duvidoso. Por outro lado, se uma dada prancha tiver a mesma conotação semântica para diferentes sujeitos, poderemos pensar que se trata de um estímulo perceptivamente estruturado de modo a ter uma significação subjacente relativamente estável.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

#### a) Estudo do efeito semântico das pranchas para os diferentes grupos de sujeitos

Calculámos o qui-quadrado pela prova de Cochran, para cada grupo estudado (Siegel, 1965).

QUADRO I

#### CONOTAÇÃO DAS PRANCHAS PARA O GRUPO DE SUJEITOS «NORMAIS»

Pranchas	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
(a)	3	8	3	7	8	5	10	2	1	4
Sujeitos	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
(b)	3	4	3	7	5	4	6	7	10	3

$$\chi^2=19,8; P<0,05$$

QUADRO II

#### CONOTAÇÃO DAS PRANCHAS PARA O GRUPO DE SUJEITOS «NEURÓTICOS»

Pranchas	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
(a)	5	8	1	3	4	7	8	1	3	3
Sujeitos	A'	B'	C'	D'	E'	F'	G'	H'	I'	J'
(b)	2	4	8	4	4	2	5	7	5	2

$$\chi^2=27; P<0,01$$

QUADRO III

#### CONOTAÇÃO DAS PRANCHAS PARA O GRUPO DE SUJEITOS «PSICÓTICOS»

Pranchas	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
(a)	5	7	2	3	2	5	7	6	2	2
Sujeitos	A''	B''	C''	D''	E''	F''	G''	H''	I''	J''
(b)	2	6	2	0	5	6	6	5	6	3

$$\chi^2=18,3; P<0,05$$

- (a) Pontuação de cada prancha no total dos sujeitos  
(b) Pontuação de cada sujeito no total das pranchas

Em todas as situações se rejeita a hipótese nula, pelo que se conclui haver um efeito significativo das pranchas na conotação semântica.

#### b) Estudo da conotação semântica das histórias para os diferentes grupos de sujeitos

Calculámos o qui-quadrado pela prova de Cochran, para cada grupo estudado.

QUADRO IV

#### CONOTAÇÃO DAS HISTÓRIAS PARA O GRUPO DE SUJEITOS «NORMAIS»

Histórias	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
(a)	6	3	1	3	7	4	8	1	1	4
Sujeitos	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
(b)	4	4	2	6	2	5	3	3	5	4

$$\chi^2=22,7; P<0,01$$

QUADRO V

#### CONOTAÇÃO DAS HISTÓRIAS PARA O GRUPO DE SUJEITOS «NEURÓTICOS»

Histórias	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
(a)	5	7	0	2	3	6	7	3	2	0
Sujeitos	A'	B'	C'	D'	E'	F'	G'	H'	I'	J'
(b)	1	2	7	3	2	3	3	6	5	3

$$\chi^2=28,8; P<0,01$$

QUADRO VI

#### CONOTAÇÃO DAS HISTÓRIAS PARA O GRUPO DE SUJEITOS «PSICÓTICOS»

Histórias	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
(a)	3	4	0	0	5	5	7	3	2	3
Sujeitos	A''	B''	C''	D''	E''	F''	G''	H''	I''	J''
(b)	4	3	2	5	2	4	4	2	3	3

$$\chi^2=18,8; P<0,05$$

- (a) Pontuação de cada história no total dos sujeitos  
(b) Pontuação de cada sujeito no total das histórias

Em todos os casos se rejeita a hipótese nula, pelo que se conclui haver um efeito significativo da conotação semântica das histórias.

c) *Correlação entre os resultados obtidos nos diferenciadores semânticos e a conotação das histórias*

Utilizámos o coeficiente de correlação ordinal de Spearman para o estudo da relação entre os D.S. e as histórias obtidas para cada prancha num mesmo grupo.

QUADRO VII

CORRELAÇÃO ENTRE OS D. S. E AS HISTÓRIAS PARA OS SUJEITOS «NORMAIS»

Pranchas	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
D. S.	4	8	3	7	8	5	10	2	1	4
Histórias	6	3	1	3	7	4	8	1	1	4

$\rho=0,75$ ;  $P<0,01$

QUADRO VIII

CORRELAÇÃO ENTRE OS D.S. E AS HISTÓRIAS PARA OS SUJEITOS «NEURÓTICOS»

Pranchas	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
D. S.	5	8	4	1	3	7	8	1	3	3
Histórias	5	7	0	2	3	6	7	3	2	0

$\rho=0,85$ ;  $P<0,01$

QUADRO IX

CORRELAÇÃO ENTRE OS D.S. E AS HISTÓRIAS PARA OS SUJEITOS «PSICÓTICOS»

Pranchas	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
D. S.	5	7	2	3	2	5	7	6	2	2
Histórias	3	4	0	0	5	5	7	3	2	3

$\rho=0,53$ ; não significativo.

Dos vários resultados obtidos, constata-se haver correlação elevada entre a conotação semântica das pranchas (D.S.) e a conotação avaliativa das histórias, à excepção do grupo dos «psicóticos».

d) *Estudo comparativo da conotação das pranchas nos vários grupos*

Para efectuar esta comparação utilizámos o cálculo das diferenças de proporções.

QUADRO X

COMPARAÇÃO ENTRE OS D.S. DOS «NORMAIS» E «NEURÓTICOS»

Pranchas	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
«Normais»	4	8	3	7	8	5	10	2	1	4
«Neuróticos»	5	8	1	3	4	7	8	1	3	3

$\chi^2=0,40$ ;  $P<0,05$

QUADRO XI

COMPARAÇÃO ENTRE OS D.S. DOS «NORMAIS» E «PSICÓTICOS»

Pranchas	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
«Normais»	4	8	3	7	8	5	10	2	1	4
«Psicóticos»	5	7	2	3	2	5	7	6	2	2

$\chi^2=0,49$ ;  $P<0,05$

QUADRO XII

COMPARAÇÃO ENTRE OS D.S. DOS «NEURÓTICOS» E «PSICÓTICOS»

Pranchas	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
«Neuróticos»	5	8	1	3	4	7	8	1	3	3
«Psicóticos»	5	7	2	3	2	5	7	6	2	2

$\chi^2=0,09$ ;  $P<0,05$

Dos resultados obtidos constata-se não se verificarem diferenças significativas entre os grupos, para o nível de significância de 0,05, pelo que se rejeitam as hipóteses nulas.

e) *Estudo comparativo da conotação das histórias entre os vários grupos*

Para efectuar esta comparação utilizámos o cálculo das diferenças de proporções.

QUADRO XIII

COMPARAÇÃO ENTRE A CONOTAÇÃO DAS HISTÓRIAS DOS «NORMAIS» E «NEURÓTICOS»

Histórias	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
«Normais»	6	3	1	3	7	4	8	1	1	4
«Neuróticos»	5	7	0	2	3	6	7	3	2	0

$\chi^2=0,14$ ;  $P<0,05$

#### QUADRO XIV

##### COMPARAÇÃO ENTRE A CONOTAÇÃO DAS HISTÓRIAS DOS «NORMAIS» E «PSICÓTICOS»

Histórias	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
«Normais»	6	3	1	3	7	4	8	1	1	4
«Psicóticos»	3	4	0	0	5	5	7	3	2	3

$$\chi^2=0,28; P<0,05$$

#### QUADRO XV

##### COMPARAÇÃO ENTRE A CONOTAÇÃO DAS HISTÓRIAS DOS «NORMAIS» E «PSICÓTICOS»

Histórias	1	2	3	4	8	9	10	11	13	18
«Normais»	5	7	0	2	3	6	7	3	2	0
«Psicóticos»	3	4	0	0	5	7	7	3	2	3

$$\chi^2=0,14; P<0,05$$

Dos resultados obtidos constata-se não existirem diferenças significativas entre os grupos, para o nível de significância de 0,05, pelo que se rejeitam as hipóteses nulas.

#### 4. CONCLUSÕES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Constata-se haver um efeito significativo das pranchas na conotação obtida pelo diferenciador semântico, pelo que essa conotação perceptiva não é devida ao acaso mas sim às características estruturais dos estímulos (pranchas).

Verifica-se também elevada correlação entre a conotação semântica das pranchas (diferenciador semântico) e os aspectos avaliativos (juízos de valor) das histórias narradas. Assim, podemos admitir ser a conotação semântica destas uma determinante da conotação das histórias.

A análise de cada um dos resultados das várias correlações, D.S./histórias, sugere haver no grupo dos «neuróticos» uma acentuada atitude avaliativa na descrição das histórias, traduzida em juízos de valor acerca dos seus personagens, estreitamente relacionada com a conotação semântica de cada prancha.

Tal facto poderá ser compreendido como uma característica da personalidade dos sujeitos deste grupo: perfeccionismo e auto-referência.

Por outro lado, no grupo dos «psicóticos» essa relação entre a conotação semântica das pranchas e a conotação das histórias é menor, o que se pode interpretar, ou como um maior «afastamento» em relação à situação do teste (contar uma história), os sujeitos perdem-se em descrições neutras, não avaliativas das pranchas; ou como uma menor influência das pranchas na indução dos aspectos avaliativos do discurso. O que se poderá interpretar também como uma característica de personalidade dos sujeitos deste grupo.

Por último, os «normais» revelam uma relação menos acentuada, entre a conotação das pranchas e a conotação do discurso relativamente à dos «neuróticos», mas maior do que a dos «psicóticos». Tal facto pode ser compreendido como determinado por uma atitude de não excessivo «afastamento» ou incoerência do discurso, em relação ao estímulo perceptivo, nem de avaliação perfeccionista.

Quanto aos resultados obtidos, na comparação dos grupos entre si, podemos concluir não existirem diferenças significativas quer quanto à conotação semântica das pranchas, quer quanto à conotação semântica das histórias. Por outras palavras, poderíamos dizer que qualquer destas conotações não é critério de diagnóstico suficientemente válido para diferenciar os sujeitos da mesma maneira que os critérios psiquiátricos, o que não invalida o uso que se faz do teste com objectivos de diagnóstico psicopatológico diferencial, pois nem a conotação das pranchas é suficientemente rígida para serem muito estruturadas, nem a conotação semântica do discurso revela todos os aspectos da projecção.

Assim, apesar da nossa amostra ser pequena, e estes resultados terem um valor relativo, podemos concluir de maneira geral que há projecção nas respostas às pranchas, que a conotação semântica dos discursos não é critério de diagnóstico suficiente, e que cada prancha tem uma

estrutura evocadora de uma conotação semelhante nos vários grupos estudados.

O aspecto mais positivo deste trabalho está em abrir pistas para novos trabalhos de investigação; por um lado, aprofundar os nossos conhecimentos da conotação de cada prancha do teste, por outro, estudar alguns aspectos da projecção mais superficiais, e relacionados com a construção sintagmática do discurso e das relações interpessoais dos seus personagens, referenciadas às vivências do sujeito.

## REFERÊNCIAS

- ANZIEU, D. (1965) — *Les Méthodes Projectives*, P.U.F., Paris.
- EYSENCK, H. J. (1968) — *Usos e Abusos da Psicologia*, Ulisseia, Lisboa.
- FAVERGE, J. M. (1966) — *Les Méthodes Statistiques en Psychologie Appliquée*, P.U.F., Paris.
- FRAISSE, P. (1968) — *Manuel Pratique de Psychologie Expérimentale*, P.U.F., Paris.
- LAPLANCHE, J. e J. B. PONTALIS (1970) — *Vocabulário da Psicanálise*, Moraes, Lisboa.
- OSGOOD, C. E. (1957) — *The Measurement of Meaning*. University of Illinois Press, Urbana.
- SIEGEL, S. (1956) — *Nonparametric Statistics for the Behavioral Sciences*, McGraw-Hill, New York.

# HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL UNIVERSAL

Estudo sobre os autores de literatura infantil. Análise das correntes literárias de Anderson, Grimm, Perrault e tantos outros magníficos heróis da imaginação. Carmen Bravo-Villasante, autora de vastíssima obra para crianças e de importantes estudos biográficos e críticos, é directora do Instituto de Cultura Hispânica e responsável pela dinamização de cursos sobre literatura infantil. Guia fundamental na pesquisa do mundo encantado da infância, a HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL UNIVERSAL é o mais importante instrumento de trabalho, até agora publicado entre nós, para educadores, psicólogos, sociólogos e orientadores da nova cadeira de Literatura Infantil.

Uma edição Vega



Distribuidora «O SEculo»



Rua Jorge Ferreira de Vasconcelos, n.º 8 — Lisboa